

As fomes do sertão: aproximação das ideias de fome em Vidas secas e Triste partida

The famines of the interior: approximation of the ideas of hunger Vidas Secas and Triste Partida

*Izael de Sousa Costa*¹

*Danielle Viviane Fernandes Bezerra*²

*Francisca Urbano Araújo*³

*Louyse Rodrigues Silva*⁴

*Maíra Patrícia Rodrigues Souza*⁵

*Rayane Grayce da Silva Vieira*⁶

*Michelle Cristine Medeiros Silva*⁷

RESUMO: O presente estudo objetivou aproximar as ideias de fome apresentada por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* com aquela presente no poema *Triste Partida* de Patativa do Assaré. Para isso fez-se necessário discutir a noção de fome, elencar os cenários em que a fome é apresentada em *Vidas Secas* e em *Triste Partida* para por fim, aproximar a fome retratada nas duas obras. Os textos foram analisados através da técnica de análise temática, por redução dos textos em paráfrases segundo proposto por Jovchelovitch e Bauer (2003). Mediante os resultados das análises das obras, observamos a correlação nas seguintes categorias: o medo da fome e animalização do homem. O medo da fome foi apresentado através da escassez de alimentos, de memórias amargas do passado e falta de chuva. Também, em ambas as obras literárias verificou-se a perda da dignidade humana, sendo os personagens moralmente humilhados pelas condições severas que a seca os impõe, chegando a animalizá-los. Por fim, depreendemos que a fome foi relatada como uma condição extrema de vida humana, que manifesta-se também nas obras de arte, que guardam em si sempre uma reflexão sobre a condição humana. Explorar este fenômeno através da literatura permite conhecer nuances - da agonia, do sofrimento e, também, da solidariedade - que não raro passam despercebidas em análises puramente científicas.

PALAVRAS-CHAVE: Fome. Vidas secas. Triste partida.

ABSTRACT: The present study aimed to bring the ideas presented about hunger by Graciliano Ramos in *Vidas Secas* with that present in the poem *Triste Partida* of Patativa of Assaré. Therefore, it was necessary to discuss the notion of hunger, relate the scenarios where hunger is presented in *Vidas Secas* and *Triste Partida* to finally bring hunger portrayed in the two works. The texts were analyzed using thematic analysis by reduction of paraphrases in texts as proposed by Jovchelovitch and Bauer (2003). Upon the results of analyzes of the works, we observe the correlation in the following categories: fear of hunger and animalization man. The fear of hunger was presented by food shortages, bitter memories of the past and lack of rain. Also, in both literary verified the loss of human dignity, and the characters morally humiliated by harsh conditions that impose the drought, reaching animalizes them. Finally, we inferred that the famine was reported as an extreme condition of human life, which is also

¹ Graduado em Nutrição, UFRN. Izaelsouza1@hotmail.com.

² Graduada em Nutrição, UFRN.

³ Graduada em Nutrição, UFRN.

⁴ Graduada em Nutrição, UFRN.

⁵ Graduada em Nutrição, UFRN.

⁶ Graduada em Nutrição, UFRN.

⁷ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Curso de Nutrição.

expressed in works of art, which keep itself always a reflection on the human condition. Exploring this phenomenon through literature allows to know nuances - the agony, the suffering, and also of solidarity - that often go unnoticed in purely scientific analyzes.

KEYWORDS: Hunger. Drought lives. Sad departure.

Introdução

Partindo-se do conceito de Morin (2000), o qual afirma que em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana; e do que afirma Guerra et al.(2004), mesmo que haja distância entre ciência e arte, dos diversos pontos de vista da linguagem, do método de construção dos objetos, existem aproximações possíveis, conduzimos esta pesquisa na perspectiva de observar a fome retratada através da literatura.

Dentre os grandes clássicos da literatura os quais retratam o sofrimento do sertanejo do nordeste brasileiro no início do século XX, tomamos como marco teórico referencial o romance *Vidas Secas* do alagoano Graciliano Ramos e o poema *Triste Partida* do cearense Patativa do Assaré.

O fenômeno da fome, especialmente no sertão nordestino, vem sendo retratado na literatura, com obras editadas principalmente nos anos 30 que anunciam as mazelas provocadas pelas grandes questões que perpassaram o cenário socioeconômico brasileiro. A miséria e a falta de alimentos são recorrentes nessas obras, em cujas páginas eram evidenciadas uma visão crítica das relações sociais, a hostilidade do ambiente, as peculiaridades regionalistas, a terra, a cidade, enfim, a vida do homem consumido pelas dificuldades que o meio lhe impõe (PINTO; MEDEIROS, 2011).

Castro (1984), no grande clássico da literatura científica *Geografia da Fome*, dividiu o Brasil em cinco diferentes áreas alimentares, dentre elas o Sertão Nordestino correspondendo, à época, às terras centrais dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, que compreendiam uma área de epidemia de fome. A fome nesta região era caracterizada pela atuação de uma forma diferente, já que se apresentava em surtos epidêmicos ou agudos nos períodos de seca ou estiagem.

Atualmente falar em fome é falar em Insegurança Alimentar, conceito que de acordo com Marín León *et al.* (2005), envolve a partir da percepção de preocupação e angústia ante a incerteza de dispor regularmente de comida, até a vivência de fome por não ter o que comer, passando pela perda da qualidade nutritiva, e também originando diminuição da diversidade da dieta e da quantidade de alimento, essas condições são socialmente produzidas e causando desordens no bem-estar e na qualidade de vida das famílias.

Decidimos estudar este fenômeno nas obras literárias que apontamos acima. Ao realizar reduções em paráfrases, com a transcrição e interpretação, foram elencadas categorias, por meio das quais podemos perceber várias situações e sentimentos humanos retratados no texto com passagens vivenciadas por sertanejos do século XX, destacando o medo da fome, com suas personificações, formas de sobrevivência e animalização do homem que consistiu na adaptação humana ao ambiente que o cerca.

O presente trabalho, assim, visa aproximar a ideia de fome apresentado em *Vidas Secas* e *Triste Partida*, visto que a situação retratada nas obras tem feito parte da realidade da população brasileira ao longo dos tempos. Conhecer nuances deste fenômeno por meio de páginas literárias pode ser um importante exercício de compreensão da condição humana.

O que a literatura no diz sobre o tema

Nas universidades, a formação inicial dos profissionais de saúde tem se transformado e esforços têm sido realizados na busca de caminhos para romper com o modelo de aquisição de conhecimentos, até então, nessa área, inteiramente pautados no paradigma cartesiano, a partir do qual se estudou apenas a saúde e a doença (PINTO; MEDEIROS, 2011). Nesse sentido, apesar da ciência e da poesia serem de fato saberes distintos, devem andar lado a lado contribuindo para a descoberta de novos saberes. Tal relação pode ocorrer de forma leve e real, como nos mostra o moçambicano Mia Couto (COUTO, 2011). Morin completa:

As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de

literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana (MORIN, 2000, p. 45).

Assim, aplicando-se este conceito de Edgar Morin, conduzimos esta pesquisa na perspectiva da fome retratada através da arte. Diante do ponto de vista sócio antropológico, a compreensão sobre a fome na vida cotidiana tem lugar na revelação dos diversos saberes e práticas relacionados ao corpo e à comida, em condições sociais de precariedade extrema (FREITAS, 2002).

A fome adquire a força de uma ideia – síntese capaz, ao mesmo tempo de estabelecer uma fronteira entre integrados e não integrados e de, também, construir um consenso moral e legítimo entre o justo e o injusto. Desse modo, a fome representa a situação limite, “indigna”, em que vivem os não cidadãos (MAGALHÃES, 2002).

Castro (1983) soube construir esse consenso moral ao avaliar a fome como um fenômeno geograficamente universal e, segundo ele, cuja ação nefasta nenhum continente escapa. Para o autor toda a terra dos homens foi, até hoje, a terra da fome. As investigações científicas, realizadas em todas as partes do mundo, constataram o fato inconcebível de que dois terços da humanidade sofriam, de maneira epidêmica ou endêmica, os efeitos destruidores da fome (CASTRO, 1983).

Tanto as áreas de fome endêmica quanto as de fome epidêmica caracterizavam uma área geográfica em que pelo menos metade da população apresentava nítidas manifestações de carências nutricionais. A diferença estava no fato de que a primeira correspondia a manifestações permanentes enquanto que a segunda, transitórias. Logo, o equilíbrio nutricional estava sujeito às rupturas cíclicas dos períodos de seca, quando se desorganizava completamente a economia regional e instalava-se a fome epidêmica. Nesse sentido, Castro relata que nos períodos de seca o sertanejo passava imediatamente para um regime de subalimentação, limitando a quantidade e a variedade de alimentos, reduzindo a sua dieta ao consumo de um pouco de milho, feijão e farinha de mandioca.

Quando a seca persistia e esses recursos alimentares se esgotavam, o sertanejo lançava mão de outras estratégias de sobrevivência, passando a consumir as “iguarias bárbaras” do

sertão: raízes, sementes, frutos e animais resistentes à seca. Entre as “iguarias bárbaras” destacam-se: farinha de macambira, xique-xique, pereira brava, macaúba e mucunã, palmito de carnaúba, raízes de umbuzeiro, pau-pedra, serrote e maniçoba, sementes de fava-brava, manjerioba, beijus de catolé, gravatá e macambira (VASCONCELOS, 2008).

Pode-se dizer que, no início dos anos 90, três elementos de um mesmo fenômeno tornaram-se símbolos do contexto recente da nossa história — contexto produzido, sobretudo no decorrer dos últimos 60 anos, pela modernização desigual da economia brasileira: a ‘redescoberta’ da fome (IPEA, 1993a); a emergência explosiva do movimento Ação da Cidadania Contra a Miséria e pela Vida (Ação da Cidadania, 1993), inspirado e conduzido de forma emblemática por Herbert de Souza; e a adoção, pelo então presidente Itamar Franco, do Plano de Combate à Fome e à Miséria (Ipea, 1993b).

No âmbito da sociedade política, a Ação da Cidadania conseguiu sensibilizar o presidente da República na época, Itamar Franco, que em 18 de março de 1993 assumiu o compromisso de implantação da proposta de Política Nacional de Segurança Alimentar (Silva *et al.*, 1991) apresentada pelo então presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) Luiz Inácio Lula da Silva. Em 18 de abril de 1993, foram lançados o Plano de Combate à Fome e à Miséria (IPEA, 1993b) e a proposta de criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA). Este último, criado por decreto presidencial em 26 de abril de 1993 e constituído por nove ministros de Estado e 21 representantes da sociedade civil, era definido como “Uma forma inovadora de parceria entre o governo e a sociedade para buscar alternativas, formular propostas e implementar ações em busca de soluções para o problema da fome e da miséria no Brasil” (VASCONCELOS, 2004).

Essa campanha contra a Fome surge, assim, para recriar laços sociais independentemente do mercado e do Estado e, ao mesmo tempo, oferecer alternativas de ações de combate à pobreza frente ao Estado ineficiente na contenção de desigualdades, a partir do funcionamento de ambos (MAGALHÃES, 2002).

O Programa de Segurança Alimentar baseando-se na alimentação como um direito universal, Fome Zero, criado em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tem

como principal característica o diagnóstico da fome sustentado no princípio de que não é a falta de alimentos que leva a fome, e sim a falta de recursos financeiros para adquiri-los (PROJETO FOME ZERO, 2001).

Nesse programa, passou-se a associar a fome diretamente com a pobreza e com a impossibilidade do acesso ao consumo de alimentos pela ausência de renda, um tema caracteristicamente relacionado aos direitos de cidadania (SOUZA; FILHO, 2001). O Programa Fome Zero é baseado fundamentalmente no projeto de conjugação de políticas estruturais (redistribuição de renda, crescimento da produção, geração de empregos, reforma agrária) com políticas de caráter emergencial ou políticas compensatórias (PROJETO FOME ZERO, 2001).

Dessa maneira, se os problemas da fome e da miséria não foram resolvidos, ganharam novas descrições e estabeleceram novas formas de associação, reinventando velhos padrões e criando novos modos de participar da vida econômica, política e cultural do país, criando assim outro parâmetro de cidadania, confeccionando novos mapas da fome brasileira (MAGALHÃES, 2002).

Apesar dos programas visarem a Segurança Alimentar, contraditoriamente, o conceito atual de fome empregado é o de Insegurança Alimentar sendo este amplo, consistindo nas diferenças de acesso aos alimentos e à alimentação saudável, condições essas socialmente produzidas e que causam impacto negativo no bem-estar e na qualidade de vida das famílias e de seus membros. Nesse sentido, a insegurança alimentar reflete a negação aos direitos elementares da pessoa, como os de estar vivo e sem doença, estar bem nutrido, assim como de ter garantido o seu direito ao respeito próprio e o de ser respeitado como cidadão (VALENTE, 2003).

Foi a partir do século XV que na literatura do velho mundo surgiu a maioria das obras que têm por assunto a fome ou personagens que estão preocupados com esse tema, em obras clássicas como, por exemplo, a *Commedia dell'arte*, *Lazarillo de Tormes*, o *Decameron*, entre outras. Já no Brasil, o primeiro romance da literatura brasileira relacionado ao tema surgiu a partir do século XIX, e teve como título *A Fome* de Rodolfo Teófilo, seguido de *Luzia-homem*

de Domingos Olympio - que representa fielmente os efeitos da fome sobre o indivíduo. Semelhante é a maneira de tratar o assunto em *O quinze* de Rachel de Queiroz ou em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e ainda o exemplo mais paradigmático são as obras dos anos cinquenta de João Cabral de Melo Neto, nestas o problema social é apresentado explicitamente e sem os sofrimentos vistos nas outras obras, de forma tão crua (GRECO, 2007).

O fenômeno da fome é explicitado nessas obras, que anunciam as mazelas provocadas pelas grandes questões que perpassaram o cenário socioeconômico brasileiro. A miséria e a falta de alimentos transcorrem estas obras, em cujas páginas foram evidenciadas uma visão crítica das relações sociais, a hostilidade do ambiente, as peculiaridades regionalistas, a terra, a cidade, enfim, a vida do homem consumido pelas dificuldades que o meio lhe impõe (PINTO; MEDEIROS, 2011).

Vidas Secas relata a história de uma família de retirantes, impelida pela seca e condicionada a uma vida subumana. Diante de problemas sociais como a seca, a pobreza, e a fome, e, consecutivamente, a sentimentos e emoções percebe-se um relacionamento seco e doloroso entre as personagens. Essa condição de vida os obriga a viver e a procurar meios de sobrevivência. A família é composta por Fabiano, sua esposa sinhá Vitória, os dois meninos caracterizados pelo autor como “menino mais novo” e “menino mais velho”, e a cachorra Baleia. Os mesmos quase não se comunicam e quando se comunicam, o fazem através de palavras duras e ríspidas, fator que caracteriza a vida mesquinha e sem sentido a que são submetidos. As personagens se “alimentam” frequentemente de raiz de imbu e sementes de mucunã e contam com a ajuda da cachorra “Baleia” vista como membro da família (RAMOS, 1981). Nesta obra o escritor concentra-se sobre a tensão da relação homem-região colocando neste percurso a identificação de grandes núcleos temáticos como a seca e a imigração dos retirantes para o litoral. Assim, o sertão passa a ser observado nas suas facetas, nas suas contradições, ou seja, na sua realidade (GRECO, 2009).

Já em relação à poesia popular, insere-se pela tradição oral comum à região, tendo como principal agente a figura do cantador, trabalhador rural e geralmente analfabeto que

narra seus versos no improviso. Esse cantador popular utiliza-se, como recurso ou técnica de memorização, de uma versificação própria caracterizada por sextilhas ou décimas, enfocando especialmente a narrativa dos acontecimentos (ASSARÉ, 2000).

Como se pode perceber no poema *Triste partida* Patativa do Assaré, poeta popular nordestino, descreve a retirada estratégica de um grupo familiar camponês, que muda de lugar e de atividade profissional. Em evidência há um processo histórico, ideológico e de transição da subjetividade como uma aparente esperança que revela as diversas formas de resistência do sertanejo diante das condições de precariedades impostas pelas realidades econômicas e sociais (OLIVEIRA, 2011).

Resultados e discussões

Diante da análise das obras *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Triste Partida* de Patativa do Assaré observamos a correlação e construímos as seguintes categorias a serem discutidas: o medo da fome e animalização do homem.

Aqui tratamos o conceito de insegurança alimentar escolhido por Marín-Léon et al. (2005), que aborda o mesmo como algo que envolve desde a percepção de preocupação e angústia ante a incerteza de dispor regularmente de comida, até a vivência de fome por não ter o que comer em todo um dia, passando pela perda da qualidade nutritiva, incluindo a diminuição da diversidade da dieta e quantidade de alimentos, sendo estas as estratégias para enfrentar essa adversidade.

1.1 MEDO DA FOME

O medo da fome é explicitado principalmente no poema, como se vê no trecho a seguir:

Assim fala o pobre/ do seco nordeste,/ Com medo da peste,/ Da fome feroz
(ASSARÉ, 1978).

Na obra *Vidas Secas* a escassez de alimentos culmina em fome, sendo esta falta de alimentos decorrente da seca, por esse motivo o medo da fome será equiparado ao medo da seca.

Em ambas as obras, o medo é evidenciado mediante situações desfavoráveis de sobrevivência, reafirmadas em lembranças amargas do passado nos momentos de seca. Como se pode perceber no trecho:

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo. (RAMOS, 2007, p. 23).

Neste fragmento podemos perceber que o medo do reaparecimento da fome continua presente, mesmo quando as condições ambientais estão favoráveis. O medo aparece como uma certeza na vida dos personagens, já que esta condição persiste desde seus antepassados. A obra encontra-se repleta de passagens nas quais as lembranças dos tempos difíceis os atormentam constantemente, como podemos perceber no seguinte trecho: “Um mormaço levanta-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que virasse realidade.” (RAMOS, 2007, p.41).

Aproximando o romance ao poema analisado, podemos perceber no trecho a seguir o sentimento de medo da possível falta de chuva, visto que eles observam constante e pesadamente os sinais da natureza que provavelmente anunciam a chegada da chuva.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio, /O só, bem vermeio, /Nasceu munto além. /Na copa da mata, buzina a cigarra, Ninguém vê a barra,/ Pois barra não tem (ASSARÉ, 1978).

Com o objetivo de encontrar uma maneira de se defender contra a fome os personagens a personificam. Eles buscam criar uma imagem da mesma e ao criá-la passam a idolatrá-la por serem incapazes de conhecê-la e decifrá-la por ser algo inanimado, como

citado por Flusser (1985) na obra *Filosofia da Caixa Preta*. Flusser sugere que idolatria é a incapacidade de decifrar os significados da ideia e desta forma o indivíduo passa a adorar uma imagem que é construída a partir dessa ideia; imagem aqui significando, ainda conforme o autor, uma superfície significativa na qual as ideias se correlacionam magicamente.

A fome personificada surge como um ser implacável que tudo devora e alcança impiedosamente, sendo impossível escapar. Podemos observar esses traços no trecho, do poema *Triste Partida*, como também na passagem do romance *Vidas Secas* descritos a seguir:

Espalhou a vista pelos quatro cantos. Além dos telhados, que lhe reduziam o horizonte, a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. Haviam escapado, e isto lhe parecia um milagre. Nem sabia como tinham escapado (RAMOS, 2007, p.53).

Assim fala o pobre/ do seco nordeste,/ Com medo da peste,/ Da fome feroz (ASSARÉ, 1978).

Freitas (2003) também relata a personificação da fome em seu livro *Agonia da Fome* através de relatos de moradores que vivem em condição de extrema pobreza em um bairro popular da cidade de Salvador/BA, como observamos nos seguintes trechos: “A criatura que anda solta aqui. Ai, meu Deus, afasta essa criatura de perto de mim [...]” e “Eu sinto quando ela chega, está aqui, estou sentindo, sentindo a peste. A criatura de perna seca e com uma cara horrível. Anda toda destrambelhada. Hum, hum.” (FREITAS, 2003). Em *Vidas Secas* a personificação ainda pode ser vista no seguinte trecho: “A sina dele era correr pelo mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca [...]” (CASTRO, 2007, p.19).

As passagens citadas acima, embora sejam referidas a Fabiano, personificam a fome, que surge como possuidora de “um corpo”, pois expulsa (empurra) Fabiano do seu local de origem. Deste modo, a fome/seca é personificada e apresentada através de metáforas. A fome é “uma criatura”, que assusta, provoca dor e pode matar quem a sente, como também se observa no poema *Triste Partida* no qual é dita “uma peste” e “feroz”.

São estes, entre outros, os diversos sentidos e seus efeitos, os quais, na dimensão simbólica, no mundo da linguagem e da cultura, expressam esse fenômeno (FREITAS, 2002).

Outra maneira de utilizar a personificação para o enfrentamento da fome é a tentativa de personificar forças divinas, como a fé, a fim de conseguir vencer a “criatura fome”, como evidenciada no trecho do livro a seguir:

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas. Encolhia-se no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre (RAMOS, 2007, p.117).

A apelação de Fabiano para que Deus os salve daquele perigo é comum para aqueles sertanejos na hora de desespero. São costumes populares numa terra seca e que resseca a vida daquelas pessoas que ali vivem. Do mesmo modo, Cascudo (1985) no texto *Ad Petendam Pluviam* também faz referência a prece para pedir chuva, como os terços e as novenas, devoções muito praticadas por devotos dispersos pelas fazendas e sítios uma vez que não necessitavam da presença de um padre para se realizarem. O autor apresenta como exemplo dessas práticas um canto ouvido em uma fazenda no Rio Grande do Norte: “Maria, mãe dos que sofrem/ Nosso clamor ouve;/ À terra tão ressequida/ A chuva deixai cair!”.

Embora o apelo fosse de desespero, o medo muitas vezes fazia com que nem mesmo os sertanejos mantivessem a esperança de que a chuva iria cair, como podemos ver no trecho do poema *Triste Partida*:

Apela pra maço,/ que é o mês preferido/ Do Santo querido,/ Senhô São José./
Mas nada de chuva!/ tá tudo sem jeito,/ Lhe fuge do peito/ O resto da fé
(ASSARÉ, 1978).

Confrontando estes trechos acima, com o relato do morador J. C. N. do interior da Bahia onde não chove há mais de oito meses “Aqui na região nunca vi uma seca como essa na

vida. Já tivemos algumas outras, mas ficar completamente sem água como agora, não ouvi dizer. Só Deus para nos salvar” (MEDEIROS, 2012), podemos observar o traço da crença marcante em Deus e confirmar que “em toda obra de arte há uma reflexão profunda sobre a condição humana” (MORIN, 2000), já que assim como visto nas obras o mesmo clamor pode ser observado pelo sertanejo que vive a realidade atual da seca.

Pode-se observar a fé em figuras religiosas como uma característica humana, sendo vivenciada nas obras como um refúgio nos momentos de medo, onde os sertanejos acreditavam que caso seu desejo fosse alcançado seria certa a manutenção da estabilidade vivida e assim evitar o êxodo. Essa mesma fé de que principalmente Deus é o único que pode dar solução à seca permanece nos dias atuais, como observamos no relato acima. O sertanejo continua utilizando a fé como escudo para enfrentar o medo da seca. Embora hoje haja vários recursos tecnológicos que dão previsão meteorológica, o homem do sertão ainda se respalda na sua fé para reavivar a esperança de que a seca não virá ou que acabará.

A esperança que os personagens tinham em Deus, era uma maneira de encontrar neste ser maior uma solução para a seca. Para os sertanejos somente ele é capaz de livrá-los daquela vida miserável. Eles utilizam a fé como um subterfúgio e a ela se agarram para manter a esperança e com isso enfrentar o medo da fome. Podemos perceber que no poema, apesar de algumas vezes os personagens questionarem a sua própria fé, eles sempre retomam aos seus intercessores, para pedir chuva e proteção contra o sofrimento.

Logo, evidenciamos que apesar da vida sofrida no ambiente seco, sem expectativa e cheio de angústia, os sertanejos retratados nas duas obras tem alma religiosa, cheia de fé, e nesta encontram alívio para as desgraças que os diminui e que resseca os sentimentos humanos. São nesses apelos percebidos nas duas obras que os retirantes nordestinos encontram seu alento e força para entender o que se passa ou o que ainda está por vir e só assim, sobreviver mais uma vez.

1.2 ANIMALIZAÇÃO DO HOMEM

Em ambas as obras literárias verificamos a dignidade humana posta em xeque: os personagens são moralmente humilhados pelas condições severas que a seca os impõe. As desigualdades sociais roubam-lhes as expectativas e a hereditariedade da vida miserável que assola os sertanejos faz com que eles vivam conformados com a busca incansável por uma vida menos mesquinha, na esperança de um dia “ser gente”. No livro *Vidas Secas*, o autor afirma sobre Fabiano: “Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de Seu Tomás”. (RAMOS, 2007, p.15). Ademais, os personagens não se sentiam mais que uma coisa, eles se conformam com a sua animalização: “Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos e as lembranças dos sofrimentos passados esmorecera”. (RAMOS, 2007, p.18).

Mesmo assim, tinham orgulho dessa condição, afinal eram bichos que conseguiam sobreviver às dificuldades impostas pelas secas severas do sertão nordestino. Isso é de fato a animalização do homem por ele mesmo. Entretanto, o personagem Fabiano em alguns momentos não se conforma de viver fugindo com medo das desgraças que a seca traz “Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.” (RAMOS, 2007, p.123).

Josué de Castro também fez esta relação entre homens e animais quando comparou os homens do mangue com caranguejos, o qual utilizou a metáfora homem-caranguejo para afirmar que aqueles indivíduos eram tanto homens como caranguejos como se vê no trecho a seguir:

Seres anfíbios, habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com suas duras carapaças também enlambuzadas de lama (CASTRO, 1967, p. 12-3).

Assim, nota-se na obra de Castro que como os homens-caranguejo, o sertanejo assemelha-se aos animais com os quais lida, “montado confundia-se com um cavalo, grudava-se a ele. E falava a linguagem catada, monossilábica e gutural que o companheiro entendia.” (RAMOS, 2007, p.20).

Essa linguagem também era utilizada com a família e os homens brancos; características de animais, pela brutalidade, por falar em grunhidos, em exclamações e onomatopeias; costumes mais convenientes naquela vida sugada pela miséria. Além de suas características corporais, tinham os pés como cascos que quebravam espinhos e não sentiam as altas temperaturas da terra árida. “Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu.” (RAMOS, 2007, p.52).

Apesar de não estar explícita a animalização dos personagens no poema *Triste Partida*, podemos perceber a correlação de forma subjetiva, pois a fuga dos sertanejos antes que a seca os torturasse assemelha-se à realizada pelas aves nômades que se deslocam em busca de alimento e condições melhores de vida em períodos não estacionais; são respostas rápidas as alterações ambientais antrópicas como a seca prolongada e a redução da disponibilidade de alimentos (IBAMA/CEMAVE, 2008). Estas aves são sazonais, que pensam no retorno ao ponto de partida.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;/ Por terras aleia/ Nós vamo vagá./
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,/ Pro mêmo cantinho/ Nós torna a vortá (ASSARÉ, 1978).

Atraídas pela abundante oferta de alimento, as aves percorrem longas distâncias, incluindo os seres ainda não sexualmente maduros, que permanecem ao longo do ano em território brasileiro. Os demais descansam, recuperam as energias gastas na migração (ANDRADE, 1997).

Em riba do carro se junta a famia;/ Chegou o triste dia, / Já vai viajá.
/ A seca terrive, que tudo devora,/ Lhe bota pra fora/ Da terra natá (ASSARÉ, 1978).

Desse modo, a animalização do homem pode ser correlacionada nas duas obras em relação à migração que os personagens realizam em busca de melhores condições de vida ao fugir do perigo da seca. Assim como o Garibaldi e o gavião-belo que desaparecem nos períodos de seca, os personagens do poema migram na esperança de voltar quando a situação for satisfatória. Rocha Moreira asseverava no poema *Sertanejas* a harmonia entre o homem e a natureza, quebrada justamente com a chegada da seca, que tornava o Ceará uma "terra grandemente infeliz". A constatação da perda dessa harmonia, para o literato, era a hora difícil em que "os cearenses abandonam de novo, como aves de arribação, o ninho construído" (MOREIRA, 1914 apud LACERDA, 2006).

Nas obras analisadas nesta pesquisa, a quebra da harmonia homem-natureza relatada por Moreira (2006) é evidente. Em todas duas percebemos um "vôo dos personagens para longe do seu ninho natal", como as arribações que Fabiano sentiu falta. Esses homens partiram para fugir daquele sofrimento medonho, avassalador que estava se aproximando, eles tinham sobrevivido até ali, mas temiam não sobreviver dali pra frente, então a melhor maneira seria fugir daquele local e procurar outro, e ter uma vida onde seus filhos poderiam viver melhor do que eles viveram até então.

Observamos a existência de outras categorias, tais como: comensalidade, esperança de dias melhores e condições extremas de fome – *Vidas Secas*; estranhamento, desvalorização e saudade – *Triste Partida*. Porém, como estas não estão presentes nas duas obras de forma a possibilitar uma aproximação e não se enquadrarem nos objetivos de análises escolhidos para esta pesquisa, não foram discutidas aqui. Contudo, tais categorias podem servir como ponto de partida para futuros trabalhos.

Considerações finais

Os resultados, em ambas as obras literárias, confirmaram a ideia de Morin (2000) que afirmava que "em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, há um pensamento profundo sobre a condição humana". A fome é caracterizada como uma forma de exclusão

social presente em na história do sertão nordestino, e de outras populações submetidas a injustiças sociais, repleta de sofrimento e agonia.

Os cenários nos quais ocorrem as histórias expressas nas obras são marcados pela presença da seca. Na época da publicação de *Vidas Secas* o sertão nordestino encontrava-se assolado pela grande seca de 1930. Desse modo, as obras tratam de uma denuncia do sofrimento vivido pela população.

Diante dos resultados encontrados podemos identificar que as obras literárias analisadas se correlacionam nas categorias medo da fome e animalização do homem, porém ambas as obras ainda podem, separadamente, virem a ser centro de discussões sobre a fome e as implicações que a mesma traz em estudos posteriores.

Referências

ALVES, J. J. A.. Uma leitura Geográfica da fome com Josué de Castro. **Revista de Geografia Norte Grande**, Paraíba, v.38, p.5-20. 2007.

ASSARÉ, P. **Cante lá que eu canto cá**. 5º ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Patativa do Assaré**: uma voz do nordeste. Int. e seleção Sylvie Debs, São Paulo: Hedra, 2000.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 15 set. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm>. Acesso em: 05 maio 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985. p.48-54.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984. 361p.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Tradução de Mayra Fonseca e Barbara Atie. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

COUTINHO, A. **Enciclopédia da Literatura brasileira**. Global, São Paulo, 2001.

CONSEA (Conselho I Conferência Nacional de Segurança Alimentar – Relatório final – Brasília, Nacional de Segurança Consea/Secretaria Executiva Nacional da Ação da Cidadania/Ação da Alimentar). **Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida**, 1995.

FREITAS, M. C. S. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 15(1), p. 53-69, jan./abr., 2002.

GRECO, R. O sertanejo no sertão-mundo. **Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura**, São Paulo, v. 1, n. 6, Dez, 2009.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **O mapa da fome**: subsídios à formulação de uma política de segurança alimentar. Documento de Política nº 14, Brasília, Ipea (mimeo.), 1993^a.

_____. **Plano de combate à fome e à miséria**: princípios, prioridades e mapa das ações de governo. Brasília, Ipea (mimeo.). 1993^b.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEDEIROS, C. UOL visita cidades afetadas pela estiagem no nordeste; “nunca vi uma seca como essas”, relatam sertanejos. UOL notícias, São Paulo, maio, 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/05/15/uol-visita-cidades-afetadas-pela-estiagem-no-nordeste-nunca-vi-uma-seca-como-essas-relatam-sertanejos>>. Acesso em: 02 jun.2012.

MAGALHÃES, R. Enfrentando a pobreza, reconstruindo vínculos sociais: as lições da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, ed. 18 ,p.121-137, 2002.

MARÍN-LEÓN, L. et al. A percepção de insegurança alimentar em famílias com idosos em Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(5):1433-1440, set-out, 2005.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 45.

MOREIRA, 1914 apud LACERDA, F.G. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). *Rev. Bras. Hist.* vol.26, no.51, São Paulo Jan./June, 2006.

OLIVEIRA, V. V. Triste partida: a subjetividade do retirante nordestino. **Rev. Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, Volume 9. Jan./jun. 2011.

PINTO, V.; MEDEIROS, M (org.). **Literatura e alimentação: delicatessen na formação em saúde**. Natal: EDUFRN, 2011.

PROJETO FOME ZERO. **Uma Proposta de Política de Segurança Alimentar para o Brasil**, 2001. Disponível: <www.fomezero.gov.br> Acesso: 05 maio 2012.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 102. ed. Rio, São Paulo: Record, 2007.

SEGALL-CORRÊA, A. M. ; MARIN-LEON, L. U. Uma versão adaptada do departamento de agricultura dos seus módulos de insegurança alimentar é um instrumento válido para avaliar a insegurança alimentar em campinas, brasil. **Jornal denutrição**, v.13, n. 4, p. 1923-1928, 2009.

SILVA, L. I. L. *et al.* Política nacional de segurança alimentar. São Paulo, Governo Paralelo, 1991.

SOUZA, L. R.; FILHO, N. A. **Fome Zero: dilemas de concepção e implementação nos primeiros dois anos do governo Lula**. XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Ribeirão Preto, 2005.

VASCONCELOS, F. A. G. 'Fome, solidariedade e ética: uma análise do discurso da Ação da Cidadania contra a fome, a Miséria e pela Vida'. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, v. 11(2), p. 259-77, 2004.

VASCONCELOS, F. A. G. Josué de Castro e a Geografia da fome no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 24(11), p. 2710-2717, 2008.

VALENTE, F. L. S. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Revista Saúde e Sociedade**, v.12, n.1, p.51-60, 2003.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.